

al. mar. az

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL
ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#26 (tomo 1) Jan. 2023

QUINTA DO ALMARAZ (ALMADA)

um projecto de
investigação
científica

Para um debate sobre
a Arqueologia marítima
em Portugal

Uma nova visão do
Castelo da Crespa (Serpa)

Os barcos
saleiros de Aveiro e
da Figueira da Foz



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Luís Barros e Jorge Raposo

Pormenor de compartimento com piso em argila identificado no Sítio Arqueológico da Quinta do Almaraz, em Almada, no âmbito de projecto de investigação iniciado em 2020, que retoma o estudo deste importante povoado da Idade do Ferro.

Foto | © Ana Olaio, Telmo António, Jorge Almeida e João Santos



2.ª Série, N.º 26, Tomo 1, Janeiro 2023

Proprietário e editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição |

http://issuu.com/almadan

Periodicidade | Semestral

Apoio | Câmara Municipal de Almada /
Associação dos Arqueólogos Portugueses /
Arqueohoje - Conservação e Restauro
do Património Monumental, Ld.ª /
Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara
Municipal de Oeiras / Neoépica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia
de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo
(português), Luísa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos
(francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica |

Jorge Raposo

Revisão | Autores e
Fernanda Lourenço

Colaboram neste tomo |

Jorge Almeida, Rubim Almeida, Telmo
António, José Bettencourt, Patrícia
Brum, Daniel Van Calker, Francisco
Curate, Cátia Delicado, Diogo Teixeira
Dias, Rita Dias, José d'Encarnação,
Lídia Fernandes, João Fonte, Jorge
Freire, Vanessa Gaspar, Gerardo Vidal
Gonçalves, Carolina Grilo, Rafael
Jaime Henriques, Raquel Henriques,
João Hipólito, Paulo Lemos, Maria
João Marques, María Martín-Seijo,
Vanessa Navarrete, António Neves,
Manuel Nunes, Ana Olaio, José Pedro,

Dina Borges Pereira, Franklin Pereira,
Júlio Manuel Pereira, Tiago do Pereira,
Natália Quitério, Luís Rendeiro, Rui
Ribolhos, Augusto Salgado, João
Santos, Luís Seabra, Luís Gonçalves
Seco, Miguel Serra, João Pedro Tereso,
André Texugo e Marco Valente

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade
dos autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

A investigação arqueológica e antropológica que tem vindo a incidir sobre sítios e contextos do núcleo urbano da cidade de Almada ocupa um espaço de destaque neste tomo da *Al-Madan Online*. Aí se inclui a partilha dos resultados iniciais do projecto científico que encerrou um hiato de quase 20 anos e, desde 2020, retomou os trabalhos na Quinta do Almaraz, um dos grandes povoados da Idade do Ferro conhecidos na região. Caracterizar a ocupação do sítio ao longo do 1.º milénio a.C. é o objectivo central deste projecto, recorrendo para tal à prospecção geofísica e a novas escavações arqueológicas, sem esquecer a sistematização dos dados das campanhas das décadas de 1980-1990. Esta última preocupação é evidenciada num segundo artigo, que divulga o estudo do espólio osteológico humano recolhido entre 1986 e 2001 no fosso que delimitava o povoado pelo lado Sul. Foi possível não só quantificá-lo e descrevê-lo em termos físicos e patológicos, mas também equacionar questões relacionadas com as suas condições de depósito, ou a hipótese da eventual integração num espaço de necrópole, com a consequente atenção às práticas funerárias que poderão ter sido praticadas pelas comunidades locais. Mas o núcleo urbano antigo de Almada é ainda objecto de outro texto, que resulta do acompanhamento de obra de remodelação de imóvel situado no Pátio dos Rolins. A intervenção arqueológica revelou um novo conjunto de silos de cronologia medieval-moderna, que acresce a outros já conhecidos na zona, o mais impressionante dos quais preservado no Núcleo Medieval-Moderno da Rua da Judiaria, que recente acção de *marketing* rebaptizou de “Museu de Almada - Covas de Pão”. Reabriu totalmente remodelado em 2022 e merece uma visita.

No conjunto, é uma dinâmica de investigação e divulgação que satisfaz cidadãos e agentes do movimento associativo almadense. Esperamos que seja continuada, nomeadamente através da rápida publicitação dos resultados da recente intervenção na fábrica de salga de Cacilhas, de época romana, quer ao nível dos trabalhos arqueológicos, quer do muito discutível “programa de valorização” cuja obra que ainda decorre. Mudando de temática, as páginas desta *Al-Madan Online* dão também sequência ao debate sobre a situação da Arqueologia subaquática em Portugal, com o contraditório de artigo publicado no tomo anterior, em Julho de 2022. É um contributo importante para o diálogo construtivo e sereno que visa melhorar estratégias e práticas na identificação, preservação e gestão de bens culturais em meio aquático ou húmido.

Para além do já destacado, os leitores certamente encontrarão adiante outros motivos de interesse e boa leitura. Como sempre, votos de que esta seja prazerosa e possa decorrer com saúde e em segurança.

Jorge Raposo, 25 de Janeiro de 2023

A Loquacidade dos Espaços Brancos em Epigrafia

José d'Encarnação¹

¹ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.



FIG. 1

Estreanho tema, este, para um colóquio; mas, de facto, também os espaços brancos “falam” e não apenas as letras das pedras, como ficou provado nas 4.^{as} Jornadas Epigráficas, realizadas, na Biblioteca Ambrosiana, de Milão, de 14 a 16 de Setembro de 2022, com organização de António Sartori, Federico Gallo e Sergio Lazzarini (Fig. 1).

No âmbito da sessão inicial, procedeu-se a uma pequena, mas sentida, homenagem a Antonio Sartori, que, embora debilitado, fez questão em estar presente e, inclusive, agradecer os testemunhos de Giovanni Mennella (“Uma vida para a Epigrafia”) e de Mauro Reali, este na qualidade de seu discípulo (“O docente Antonio Sartori”). Não hesitou, depois, em debruçar-se com entusiasmo sobre o significado dos espaços vazios nas epígrafes: “Propositados, provocados/valorizados ou tolerados?”.

Sartori – enuncio alguns dos tópicos apresentados por Mennella na sua intervenção – foi, além de epigrafista, editor e revisor de epígrafes *in loco*; estudou a tradição epigráfica erudita; procurou interpretar a fenomenologia da mensagem epigráfica; organizou reuniões científicas de carácter nacional e internacional; divulgou a Epigrafia em Itália e no estrangeiro (há um livro seu de lições de Epigrafia Latina em língua japonesa!...); e ele próprio não se privou de, à castiça maneira latina, ‘gravar’ epígrafes em honra de colegas seus! A 1.^a sessão propriamente dita (Fig. 2) teve como oradoras Mireille Corbier, directora da revista *L'Année Épigraphique* (Paris), que, mediante exemplos (o édito de *Cn. Pompeius Strabo*, nomeadamente), respondeu à pergunta: será o uso do ‘branco’ “uma cultura técnica partilhada?”; e Serena Zoia (Liceo Classico “Marie Curie”, em Meda - Itália), que optou por colocar os espaços brancos entre dois marcos: a oportunidade e o abuso. No dia seguinte, 15, Fulvia Mainardis (Università degli Studi di Trieste), em seu nome e no de Alfredo Buonopane (Università di Verona),

referiu-se ao “*amor vacui versus horror vacui*”, o ‘gosto pelo vazio em confronto com o horror ao vazio’ também presente nos monumentos epigráficos falsos.

Cecilia Ricci (Università degli Studi del Molise) intitulou a sua comunicação “Spazi ‘bianchi’ nell’epigrafia sepolcrale di area molisana (*Regio IV*): un’indagine campione”. Mostrou que, numa epígrafe, o espaço em branco pode ficar reservado aos sentimentos, ao *status*, aos acrescentos, à auto-representação – e deu exemplos de cada um dos casos.

Marina Vavassori (Università degli Studi di Bergamo) explicou por que razão as oficinas epigráficas bergamenses haviam optado por deixar espaços em branco, designadamente no caso de expressões ou palavras que se gravaram, isoladas, no centro das linhas para lhes dar realce: a tribo, o cognome duma personagem, a expressão *vivus fecit*, a habitual consagração aos deuses Manes... Enrica Culasso, professora de História Grega na Universidade de Turim, preferiu salientar a eloquência dos espaços vazios em epígrafes de Atenas, uma “estratégia de comunicação”, sublinhou, nos decretos e na epigrafia pública em geral, para tornar tudo mais claro e assinalar as correlações; para que se não confundam as letras com valor alfabético das que têm valor de

numeral; por razões de escansão métrica; porque houve parte de um texto que se apagou... Mauro Reali, docente de Liceo e director de “La ricerca”, apresentou exemplos do *Ager Insularium*, no âmbito de uma fenomenologia dos ‘espaços em branco’, tendo partido da frase de Lucrecio: a Natureza compõe-se de duas partes, os corpos e o vazio em que eles se movimentam. Silvia Orlandi, da Universidade “La Sapienza”, de Roma, e actual presidente da Associação Internacional de Epigrafia Grega e Latina, partiu de inscrições da cidade de Roma para mostrar que, num monumento epigráfico, os espaços desprovidos de texto não estão necessariamente desprovidos de significado: deixa-se um espaço em branco porque, ali, o suporte estava estragado; as placas de columbário que têm espaço para vários nomes e onde, afinal, só se gravou um; a inscrição funerária em que apenas está o nome de um defunto seguido da conjunção “e”, no suposto de que ali se acrescentaria o nome de alguém e... não se acrescentou!

Giovanni Mennella (Istituto di Studi Liguri - Bordighera) pegou na inscrição funerária de *Chresimus colonorum Lunensium*, uma inscrição romana do século III proveniente de Luna, na Etrúria, e tentou mostrar como nela seria possível identificar cinco tempos na sua execução.



FIG. 2

Ginette Vagenheim, da Universidade de Ruão, dirigiu a sua atenção para os espaços em branco nos sarcófagos e deu exemplos em que fora prevista uma tabela central na tampa do sarcófago para receber a identificação do defunto e, afinal, nada aí se inscrevera.

No dia seguinte, 16, o 3.º destas Jornadas Epigráficas, Lorenzo Calvelli e Giovannella Cresci Marrone, ambos da Università Ca' Foscari, de Veneza) intitularam assim a sua comunicação: “Bianco, ma eloquente. *Ordinatio*, metrologia e *tituli picti* nell'epigrafia altinate”. Entende-se por “altinate” a região de Pádua. Sugeriram que nalguns espaços actualmente brancos poderia ter havido inscrições pintadas e que algumas pedras nos chegaram sem que, em devido tempo, lhes tenham gravado os nomes para que estavam destinadas. Outras vezes, as exigências métricas poderão ter motivado uma paginação diversa, com espaços vazios.

Houve, depois, oportunidade de mostrar como – aduzindo exemplos da Lusitânia ocidental – a paginação numa epígrafe teve, necessariamente, como objectivo torná-la legível, à altura do homem, daí resultando não apenas a disposição espacial do texto (para ser lido à altura do olhar, a partir de um nível inferior ou superior de visão), mas inclusive a escolha do módulo das letras. Por conseguinte, sublinhou-se, o que, a uma primeira vista, é susceptível de ser considerado inabilidade do lapicida, poderá ter resultado, afinal, de uma intenção predeterminada (Fig. 3).

Encontram-se, ainda hoje, nos nossos cemitérios, jazigos em cuja frontaria foram marcadas placas destinadas a nelas serem inscritos os nomes dos defuntos que paulatinamente neles irão ser sepultados; amiúde, porém, apenas se regista o nome do primeiro defunto; os dos demais, pelas mais variadas razões, acabaram por não se inscrever. Assim, na placa com que *Aquila Cara*, numa inscrição romana de Vaiamonte, homenageou o marido e onde também o nome dela figurou – porque era seu interesse vir a ser sepultada na mesma campa –, o espaço deixado em branco para nele se inscrever a idade com que falecera e a afirmação “aqui jaz”, em branco ficou eternamente. Bem sugestivo é, nesse aspecto, o caso de *Chrysis*, cuja inscrição (Fig. 4) se mostra no criptopórtico de *Aeminiun*: está, na 2.ª linha, SIBI POSVIT, fora ela que em vida o mandara fazer, na expectativa de que, quando morresse, alguém ali gravasse, no espaço restante, a idade com que partira, a fórmula ‘aqui jaz’ e o voto de que a terra te seja leve. Ninguém gravou.



FIG. 3 – As exigências da paginação numa epígrafe actual. Trabalho do canteiro Celestino Costa.

Sergio Lazzarini, da Università degli Studi dell'Insubria e principal coordenador das Jornadas, aproveitou a sua formação específica em Direito para nos mostrar como também nos textos legislativos há espaços em branco, a fim de melhor se compreenderem os itens de uma comunicação de tipo jurídico. Exemplificou com o curioso texto da *Lis fullonum de pensione non solvenda*, datado de 226-244 e identificado, em 1700, numa base marmórea em Roma, que, de forma curiosa, consigna a recusa dos *fullones* (pisoeiros) em pagar o arrendamento das instalações onde exerciam a sua actividade.

Claudio Zaccaria, da Universidade de Trieste, veio trazer o seu testemunho acerca do tema das Jornadas, no concernente às inscrições da *Regio X* oriental (*Venetia e Histria*): são significativos os espaços em branco, disse, como mensagem não escrita. Pegando na conhecida passagem da ceia de Trimalquião, em que ele recomenda ao arquitecto do seu sepulcro que ponha um relógio a meio para que, assim, quem quisesse ver as horas, haveria de ler também o seu nome, Claudio Zaccaria conclui: “*Una sapiente scelta e distribu-*

zione dei 'segni' affidati alle diverse parti del monumento doveva quindi guidare l'occhio del passante, volente o nolente, sull'elemento centrale ed essenziale: il nome del committente”.

Por isso, de resto, um dos intervenientes nessa ceia não hesitou em afirmar: “*lapidarius litteras scio*”, que é como quem diz: “Eu sei bem o que é isso de gravar uma inscrição. Sei bem que é o nome das pessoas o que é mais importante numa epígrafe!”.

Concluíram-se, pois, estas 4.ªs Jornadas confirmando que os mais diversos testemunhos aduzidos das mais variadas regiões do Império Romano provam, à saciedade, o pressuposto (se é que o era...) lançado por Antonio Sartori ao escolher o tema de discussão: há “*uma loquacidade dos espaços brancos em Epigrafia*”.


Numa ‘pedra com letras’ não são apenas as letras que ‘falam’, também os espaços em branco têm uma palavra a dizer! 



FIG. 4